

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Cremilda Aparecida Moutinho

Prosa sobre a fé

Mariana
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Cremilda Aparecida Moutinho

Prosa sobre a fé

Memorial descritivo do produto jornalístico apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial de obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Hila Rodrigues

Mariana
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M934p Moutinho, Cremilda Aparecida.
Prosa Sobre a Fé. [manuscrito] / Cremilda Aparecida Moutinho. -
2023.
68 f.: il.: color.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Entrevistas. 2. Escuta (Filosofia). 3. Religião. I. Rodrigues, Hila Bernardete
Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.74

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Cremilda Aparecida Moutinho

Prosa sobre a fé

Produto, livro de entrevistas, apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovado em 31 de março de 2023

Membros da banca

Profª Drª Hila Rodrigues - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profª Drª Lara Linhalis Guimarães - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - Universidade Federal de Ouro Preto

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/04/2023, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0503493** e o código CRC **A4FC0312**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu bom Deus e à Virgem Maria pela presença constante em minha vida, por terem me sustentado em todos os momentos e terem me proporcionado a graça de concluir esse curso tão sonhado.

Aos meus pais, Eva da Paz e Vicente Moutinho (*in memoriam*), meus primeiros mestres e educadores, que me ensinaram os valores da vida. À minha mãe, especial carinho. Ela chorou e sorriu comigo quando passei e conquistei uma vaga no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, e acompanhou o início da minha trajetória acadêmica. Como eu gostaria que ela estivesse aqui para desfrutar essa conquista comigo. Aos meus irmãos, Ulisses e Rosana sou grata pelo carinho, apoio, compreensão e amparo durante esse tempo de estudo. Aos meus sobrinhos Diogo, João e Lorena, expressei minha gratidão por vocês terem proporcionado momentos de muitas alegrias em minha vida. Da mesma forma, agradeço a todos os familiares que ajudaram direta ou indiretamente em meu caminho.

Agradeço às minhas amigas, Edna Oliveira, Giselle Moutinho, Elza Fernandes, Nathália Lopes, Raquel Motta, Viviane Silva, Yolanda Maria, Walkíria Teodoro, M^a Aparecida de Souza e Lara Mapa, pela ajuda, pelos abraços, pelas partilhas e incentivos durante esse percurso. Sou grata à professora Neide dos Anjos, que lecionou para mim meses antes que eu entrasse na UFOP, que abriu a porta da sua casa para me acolher e para alargar os meus conhecimentos.

Agradeço aos meus padrinhos de oração, Fábio e Magda Salmen, por me acolherem em sua casa com tanto carinho, pelos conselhos e orações. Expressei minha gratidão também à tia Soraya Penna, Sérgio, Ana Starlino e Rui Lima por me receberem em suas casas com tanto carinho. Minha gratidão pelos abraços e preces. À Pastoral de Comunicação da Paróquia Cristo Rei, por ter me proporcionado trocas de experiências e crescimento profissional.

Aos colegas da turma do jornalismo, agradeço pelo convívio e aprendizado. Em especial, agradeço à Cíntia Soares e Sabrina Roza que, ao longo do curso, tornaram-se minhas amigas – e que levarei sempre em meu coração. Da mesma forma, agradeço a todos da Comunidade Católica

Shalom, em Belo Horizonte, Grupo de oração, Ministério de intercessão, em particular Rosali, José, Silvânia Ferreira e Eunice Marques, por todo carinho, incentivo e orações durante a caminhada. Aos Padres, Magno Murta e Adilson Couto por toda a ajuda didática, pelos diálogos e conselhos.

Aos meus entrevistados: Daniele Carvalho, Viviane Costa, Padre Magno Murta, Padre André, Padre Inocêncio Coeine e Adriana Ferreira, agradeço por compartilharem comigo suas histórias de fé. Agradeço também pela delicadeza durante as longas conversas. Aos ilustradores Rosana Moutinho e Diogo Ezequiel, e à diagramadora Líria Barros, minha especial gratidão.

À minha orientadora, Hila Rodrigues, agradeço imensamente por me acolher com tanto carinho e me acompanhar nesta reta final do curso. Obrigada, Lara Linhares e Frederico Tavares, por participarem da minha banca examinadora. Da mesma forma, agradeço a todos os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, aos demais docentes e técnicos administrativos, em especial à Gislene Oliveira e Monique Campos, pelo aprendizado e trocas de experiências.

Por fim, agradeço a todas as pessoas dos setores da Universidade Federal de Ouro Preto nos quais trabalhei: no ICSA, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, meu especial agradecimento à Osmira Oliveira, pela amizade e carinho. No NACE, Núcleo de assuntos comunitário estudantis, agradeço pelo incentivo e afeto. Minha gratidão, em especial, à psicóloga Lígia Carvalho, pelo cuidado e atenção durante o tratamento terapêutico. Expresso minha gratidão, ainda, à Farmácia Escola, nas pessoas de Wandiclécia Ferreira, Luana Amaral e Rosinha, pelo apoio, amizade e zelo. Também agradeço aos demais profissionais do Posto de Saúde do Campus Ouro Preto, nas pessoas de Deisyane Fumian, Cláudia Enes, Cida Dias e Cláudia Helena, por toda atenção e carinho.

“Uma prova de que Deus esteja conosco, não é o fato de que não venhamos a cair, mas que nos levantemos depois de cada queda!”

Santa Teresa de Ávila

RESUMO

Denominado “*Prosa sobre a fé*”, este livro de entrevistas tem por objetivo relatar histórias de fé vivenciadas em meio ao cotidiano. A produção se dá a partir da realização de entrevistas jornalísticas com pessoas que se disponibilizaram a relatar etapas específicas de suas vidas, quando vivenciaram certos desafios, atravessando-os por meio da fé. A preparação e reflexões que guiaram essas entrevistas foram inspiradas pelos autores Leonardo Boff, Lia Guarino, Leo J Trese, Clacir José Bernardi, Maria Augusta de Castilho e Peter Harrison, que trouxeram fundamentos importantes para a construção deste livro. A narrativa central desses autores é baseada na expressão de fé entre o divino e o humano, traçando o seu sentido real e sobrenatural. As seis personagens narram suas vivências de fé em detalhes, trazendo um aspecto espiritual profundo. A escuta sensível e a apuração jornalística trabalhadas nessas entrevistas foram inspiradas e orientadas pelos estudos e escritos de Agnes Francine de Carvalho Mariano e Frederico de Mello Brandão Tavares a respeito desses temas, e também pelas Cartas Apostólicas do Papa Francisco. Já a apreensão das particularidades da prática da entrevista foi possível a partir da leitura, principalmente, da abordagem de Nivea Rohling da Silva.

Palavras-chave: Entrevista pingue-pongue; Escuta; Jornalismo; Fé; Religião

ABSTRACT

Entitled “*Prose about faith*”, this book of interviews aims to tell stories of faith experienced in everyday life. The production takes place from carrying out journalistic interviews with people who were willing to report specific stages of their lives, when they experienced certain challenges, crossing them through faith. The preparation and reflections that oriented these interviews were inspired by the authors Leonardo Boff, Lia Guarino, Leo J. Trese, Clacir José Bernardi, Maria Augusta de Castilho and Peter Harrison, who provided important foundations for the construction of this book. The central narrative of these authors’ based on the expression of faith between the divine and the human, tracing its real and supernatural meaning. The six characters narrate their experiences of faith in detail, bringing a deep spiritual aspect. The sensitive listening and journalistic investigation used in these interviews were inspired and guided by the studies and writings of Agnes Francine de Carvalho Mariano and Frederico de Mello Brandão Tavares regarding these themes and by the Apostolic Letters of Pope Francis. As for the apprehension of the particularities of the interview practice, it was possible from reading, mainly, Nivea Rohling da Silva's approach.

Keywords: Ping-pong interview; Listening; Journalism; Faith; Religion

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. A PROSA NO JORNALISMO: PERGUNTAS, RESPOSTAS E SENSIBILIDADE	09
3. A FÉ.....	12
4. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA.....	20
5. MULHERES E HOMENS DE FÉ	21
6. PROJETO GRÁFICO.....	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
8. REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

Este produto é um livro de entrevistas jornalísticas inspiradas em histórias de fé. A maior parte delas se dá no gênero pingue-pongue. Trata-se de um modelo de entrevista que valoriza as particularidades do discurso da fonte e que exige a utilização de suportes tecnológicos e humanos para preservar, sempre que possível, as características da fala do outro, bem como seu modo característico de construir e organizar seu próprio relato. Permite, assim, a exploração do processo de construção de narrativas. O livro também evidencia, por trás dos diálogos, o processo de feitura desse tipo de entrevista, que, com o advento das novas tecnologias, pode se dar presencialmente ou não. De acordo com Nilson Lage (2000), “desde que se inventou o telefone, admitiu-se a possibilidade de realizar entrevistas à distância. (...) A questão se atualiza, agora, com a Internet. No caso da troca de e-mails, ou chats, via teclado do computador” (LAGE, 2000, p. 34).

As entrevistas foram realizadas em 2021/2022 via e-mail e pela plataforma *Meet*, devido a duas razões: primeiro por causa do momento marcado pela pandemia de Covid-19. Segundo, por causa dos lugares distantes em que se encontravam alguns dos entrevistados – havia um fora do estado e pelo menos dois fora do país. É preciso salientar que, após as entrevistas, optei por usar uma técnica específica de retornar com o material para cada entrevistado, de forma que eles pudessem fazer complementações ou explicar melhor algum ponto de sua história. Também foi necessário refazer algumas perguntas, para adequá-las melhor a certas particularidades das respostas obtidas. Houve casos, ainda, que me exigiram uma reorganização da narrativa apresentada pelas fontes, pois alguns entrevistados e entrevistadas se confundiam com a cronologia dos fatos relatados, o que demandou a inversão de algumas questões e repostas – sem alterar, claro, o conteúdo do relato e sem prejudicar o raciocínio trilhado. A ideia foi trazer mais clareza e fluidez ao texto final da entrevista. Também disso decorreu as idas e vindas do material entre as minhas mãos e as mãos das pessoas entrevistadas. Assim elas podiam checar dados, datas e as nuances de certos acontecimentos.

A produção do livro foi pensada, prioritariamente, para o público católico. Optei por esse segmento e por fazer este tipo de conteúdo porque me sinto mais à vontade para falar sobre esse assunto. Mas, também, por vivenciar essa mesma experiência de fé. Claro, reconheço a importância de todas as outras religiões e tenho respeito a todos os modos de viver essa fé – mas

tenho essa vivência católica, que é importante nesse trabalho.

Considerando todos esses aspectos, posso dizer, assim, que este é um produto jornalístico baseado em um assunto bastante específico: a crença no âmbito do catolicismo, principalmente. São abordadas a doutrina e as simbologias que atravessam a religião Católica em alguns lugares do Brasil, mas também em Moçambique. As entrevistas são, portanto, temáticas, mesmo que a partir de perspectivas variadas. A entrevista temática, como explica Nilson Lage, envolve tópicos e questões sobre os quais se supõe que a fonte tenha condições e autoridade para falar sobre e que consiste na apresentação de versões (ou de interpretações) de certos acontecimentos. De acordo com o autor, esse gênero do jornalismo auxilia o cidadão comum em seu processo de assimilação e compreensão de um dado problema e faz isso através da exposição de um ponto de vista (LAGE, 2000, p.34).

Nesse sentido, a entrevista pingue-pongue cumpre um papel interessante: relacionar as vivências cotidianas dos entrevistados e de quem os lê por meio de uma sequência de perguntas e respostas que costumam assegurar maior fluência da história contada. Espero que este produto possa ser útil aos pesquisadores e jornalistas interessados nas potencialidades da entrevista pingue-pongue para falar de temas delicados e polêmicos como a fé.

2. A PROSA NO JORNALISMO: PERGUNTAS, RESPOSTAS E SENSIBILIDADE

No jornalismo, o gênero pingue-pongue representa um formato singular de narrativa, marcada por uma sequência de perguntas abertas, sempre intercaladas com as respostas da fonte. A literatura aponta que a entrevista surgiu como gênero jornalístico no periódico norte-americano New York Herald, quando o repórter James Gordon Bennet descobriu que as atividades diárias do nova-iorquinos atraíam a atenção dos leitores, que se identificavam imediatamente com os problemas relatados pelo cidadão comum (ERBOLATO, 2001). Isso não acontece por acaso. Como afirma Luiz Cláudio Cunha, “o jornalismo é uma atividade humana que depende essencialmente da pergunta” (2012, p.55).

O modelo pingue-pongue tem a intenção de mergulhar na história que será apresentada pelo indivíduo a quem se faz a pergunta. Por isso é preciso criar questões baseadas numa pesquisa inicial, para conhecer minimamente o perfil da personalidade. Desta forma, é importante saber os dados principais da vida do entrevistado, de modo a permitir que se trabalhe estratégias de abordagem capazes de produzir uma conversa aberta, informativa e interessante (CUNHA, 2012; ERBOLATO, 2001). Também é importante, para o entrevistador, dominar os temas que serão explorados durante o diálogo.

Em artigo sobre o gênero entrevista no campo da imprensa escrita, e também sobre a sua relação com as diversas modalidades da língua, Oliveira (2002) afirma que, tradicionalmente, toda entrevista pode se concretizar em modalidade oral ou escrita. A modalidade oral é própria das mídias radiofônica e televisiva (e da internet, via *podcasts* e vídeos). Já nos suportes do jornal ou da revista (em plataformas impressa ou *online*), ela pode aparecer em forma de matérias ou reportagens, e também no formato de pergunta-resposta (pingue-pongue). Esse último formato, de acordo com essa abordagem, permite maior valorização das falas do entrevistado (em seu discurso e em suas descrições). Recorrendo à teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin, a pesquisadora Nívea Rohling da Silva observa que o jornalista, quando recorre a uma entrevista que se deu por meio de pergunta e resposta, “cita e realiza um enquadramento da sua ‘fala’ e da do entrevistado” (SILVA, 2009, p.519). A autora observa que, considerando o “auditório social da entrevista pingue-pongue” (SILVA, 2009,

p.519), é possível afirmar a existência de uma relação discursiva intrincada entre jornalista, entrevistado e leitor. Ela recorre a Bakhtin para explicar que essas figuras, não poucas vezes, se fundem como se fossem uma massa homogênea, mesmo que ocupem posições autônomas (pois cada uma trabalha um ângulo do evento relatado). Para Silva (idem), é possível dizer que, durante o diálogo estabelecido, “os participantes da interação do gênero entrevista pingue-pongue ocupam lugares (lados/papéis) diferenciados: o de quem pergunta (jornalista); o de quem responde (entrevistado); o de quem edita a entrevista (editor) e o de quem lê a entrevista (leitor)”.

Neste livro, a ideia é a de que o formato pingue-pongue permita uma expressividade mais natural das respostas das pessoas entrevistadas. Os diálogos aqui contidos carregam esse aspecto comunicacional que viabiliza as histórias relatadas por homens e mulheres que falam sobre suas experiências, sobre momentos que julgaram desafiadores. Deste modo, a proposta é trabalhar também com um discurso humanizado e sensível – e que pode ser expressado a partir de inspirações na fé. O produto, então, contempla histórias de vidas diferentes, ainda que tratem de um mesmo assunto, oferecendo apontamentos muito específicos que podem contribuir para o desenho de uma percepção mais ampla sobre esse tema da fé.

Importante mencionar, ainda, que essas histórias também foram viabilizadas por um cenário cada vez mais marcado pelos avanços tecnológicos que, ampliados no universo do jornalismo, alargaram as possibilidades de contato com a fonte. No entanto, sabemos que não basta alcançar essa fonte. É preciso conquistá-la e, mais que isso, é preciso cuidado para não perder as oportunidades de explorar o campo de escuta. Afinal, como já alertava a jornalista Eliane Brum, em entrevista à Agnes Mariano, “em geral, se faz muita matéria por telefone, por e-mail, a reportagem acaba virando uma sequência de aspas. E não é isso” (MARIANO, 2011, p.310).

A escuta afetiva do outro implica a necessidade de ouvir, mas também de se relacionar com o outro. A escuta nos leva a caminhar para um diálogo mais solto, livre e ativo, por meio dessa relação em que o jornalista inclina o rosto e abre seus ouvidos para essa escuta atenta, sensível e humana. Na entrevista a Mariano, Eliane Brum também explica que, para se colocar no lugar do outro e escutá-lo, é preciso haver disponibilidade por parte daquele que pergunta.

Nesse sentido, “escutar é muito mais do que ouvir”, como enfatiza a jornalista. Diz ela nessa entrevista: “Escutar é não interromper quando a pessoa está falando... Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir. Eu acho que cada

reportagem, cada entrevista te exige isso: é tu te despir daquilo que tu é, dos teus preconceitos, da sua visão de mundo e chegar o mais vazia para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo” (MARIANO, 2011, p.308)

Para entender esse processo de se colocar no lugar do outro, procurei mergulhar o mais profundamente possível em cada história, para sentir “a perspectiva da fé”, “o chamado”, “a maior experiência de fé”, “a radicalidade evangélica”, “a surpresa de Deus”, bem como “preparar as pessoas para o céu”. Através desses títulos – que abrem cada entrevista –, encontrei as fórmulas para romper a barreira das telas e conseguir ficar mais perto possível de cada pessoa, pois desejava traçar uma relação de afeição e compaixão para com elas – algo próximo do que observa Frederico Tavares (2009, p.277-278) quando convoca Cremilda Medina para abordar o saber sensível: “Em Medina, a relação sujeito-objeto vê-se presentificada pela ‘entrada em cena’ da sensibilidade humana, da subjetividade, a partir do sensível e de suas materializações possíveis nos processos jornalísticos”.

Além disso, a obra produzida busca valorizar os sentidos humanos por meio da interação social no jornalismo. Espero que cada entrevistado se sinta contemplado ao se deparar com suas histórias de fé descritas neste livro, pois, como observa Tavares (2009), é importante que elas permaneçam como história vivenciada e história contada. É sob esse aspecto, até, que enfatizo a minha opção pela entrevista pingue-pongue. Além de apreciar esse formato de apresentação dos diálogos em que se exercita a escuta do outro, percebo a existência de certo encantamento, uma conexão diferente entre entrevistador e entrevistado que aparece no desenrolar das respostas das fontes. Este é outro ponto que me levou a mergulhar nesses diálogos. Nas palavras de Nilson Lage, a entrevista não é apenas um procedimento de apuração a partir de informações coletadas, mas uma “expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2000, p.32).

Outro ponto que considero interessante está relacionado à maneira como a entrevista pingue-pongue permite que o jornalista se adentre em universos particulares, que fazem parte da esfera íntima do entrevistado – e que só se tornam públicos quando essa fonte permite que o tema alcance a esfera jornalística ou algum outro espaço midiático por meio do compartilhamento de uma história ou de uma opinião expressada a um interlocutor. Neste livro, minha escolha por esse formato também tem a ver com esse aspecto, já que eu desejava, desde o início, trabalhar – a partir da prática jornalística – com histórias que conversassem com minhas próprias concepções e

experiências de fé no cotidiano. Este trabalho resulta, assim, da crença de alguém que acredita que a fé é uma peça fundamental em sua própria vida. De alguém que a experimentou durante este percurso acadêmico de modo particularmente inexplicável a olhos humanos. De alguém que considera sua própria vivência familiar a partir dos valores que lhe foram repassados. E de alguém para quem, ao longo da vida, a amizade com Deus foi transparecendo.

3. A FÉ

A fé é algo extraordinário para muitos. Ela é expressa por homens, mulheres, jovens, adolescentes, idosos e crianças, o que me leva a refletir sobre essa virtude teologal no cotidiano das pessoas, no modo como elas se relacionam com o mundo e entre si. Porque a fé nos leva a um dos aspectos da comunicação que se faz presente neste processo de interação entre o divino e o humano. Para Santo Agostinho, a fé prepara o homem para exercitar a razão – e a razão, por sua vez, leva o sujeito a compreender e a conhecer aquilo em que acredita, “numa permanente circularidade de mútua e crescente potenciação” (FREITAS, 1999, p.253-254).

Na Teologia, a fé aparece como algo transcendente, um encontro de inspirações, uma transformação interior poderosa que leva o sujeito ao encontro profundo com o amor de Deus. O teólogo e frei Leonardo Boff enxerga na ideia de fé uma abertura para se crer nas infinitas possibilidades de se ressurgir no mundo – um lugar que, se permeado por sentimentos como o amor e a misericórdia, permite que a morte deixe de ser concebida como o fim para se transformar em poderoso instrumento destinado aos recomeços:

Pessoas de fé se preparam para o grande encontro com a suprema realidade, feita de amor e de misericórdia. A vida não foi feita para terminar na morte, mas para se transfigurar e ressuscitar no momento mesmo da morte. Isso quer dizer: o mundo para ela chegou ao seu fim. Logo segue a ressurreição como a plena realização das virtualidades quase infinitas em nosso ser (BOFF, 2020, *online*)

Nesse sentido, a fé é grande suporte para os desalentados, mas também marca os momentos preciosos, e também os momentos na vida em que o ser humano é provado ou convidado a refletir: na dor pela perda de um ente querido, na alegria de encontros familiares ou entre amigos, nos desafios de um novo emprego, na decisão de uma cirurgia, na mudança para

outra cidade, enfim. Existem vários contextos que se estruturam como possibilidades para a vivência da fé. A obra *Prosa sobre a fé*, objeto deste memorial, trata da fé cristã passada de geração a geração, sempre a partir de testemunhos de vida.

Quando transmitida geração a geração, a fé é, também, uma escolha que se desenvolve no interior das famílias. No âmbito da igreja Católica, o Papa Francisco, em uma das suas catequeses de 2019, faz uma reflexão em torno da fé obtida no berço familiar. Na ocasião, ele destacou a importância da crença, convidando as pessoas a experimentar a "fé simples e robusta" das mães e avós, que oferece "força e perseverança para seguir em frente e não deixar cair os braços, uma fé caseira, que passa despercebida, mas que constrói pouco a pouco o reino de Deus, uma fé que não se deixa confundir, porque se baseia nos fundamentos do Evangelho" (CENTOFANTI, 2019, *online*).

A fé se torna, nessa perspectiva, algo significativo para a humanidade, especialmente quando é capaz de disseminar sentimentos de alteridade e solidariedade. O teólogo Leonardo Boff explica que as religiões – ao trabalharem a espiritualidade – são capazes de estimular, em diferentes sociedades, movimentos importantes em momentos dramáticos. Para Boff, em momentos como o da pandemia de Covid-19, algumas religiões podem cumprir um papel importante: "A fé confere à vida um sentido último e bom. Hoje, o que nos está salvando é a solidariedade, o senso de interdependência entre todos e o cuidado de uns para com os outros" (BOFF, 2020, *online*).

Nesse sentido, a fé é capaz de modificar o meio e as relações humanas. No cristianismo, ela é considerada um sustento, é acreditar em um Deus que não abandona sua criação. Ao mesmo tempo, a fé é ver além, é ter coragem para dar passos e seguir em busca do novo (CENTOFANTI, *online*). Em maio do ano de 2022, o Papa Francisco, em audiência geral na Praça de São Pedro, no Vaticano, disse que "a fé merece respeito e honra até ao fim" por ter mudado a vida e a mente de tantas pessoas (PAPA FRANCISCO, 2022, *online*). O pontífice assegurou, ainda, que "acreditar não é coisa de velhos (...), é coisa de vida" (FRACCALVIERI, 2022, *online*).

Partindo desse pensamento foi que me surgiu a ideia de produzir um livro de entrevistas que pudesse demonstrar as potencialidades da fé, e de fazer isso por meio de diálogos possíveis através do gênero pingue-pongue, que valoriza a fala do outro sobre seus sentimentos, suas experiências, seus sofrimentos e encantamentos. Além disso, descobri, depois da primeira fase do TCC, que, para além da dos estudos teológicos, é possível recorrer também a outros saberes das ciências sociais e das ciências humanas, de modo a olhar para o ser humano em sua experiência

cotidiana, lidando com vários desafios presentes na vida social. A religião é um desses aspectos. Alguns pesquisadores apontam, em seus estudos, que a fé é uma forma de trazer sentido para a vida de uma pessoa ou de um determinado grupo. É o que nos explica o antropólogo Simon Yarrow, quando define a religião como tentativa humana de compreender o desconhecido (YARROW, 2015). Ao discutir a sociedade construída em seus aspectos sociais, culturais e etnográficos, o pesquisador observa que os “costumes e normas de interação tais como religião ou crença, tradições de casamento, conceitos e categorias de parentesco, sistemas de trocas e posse de terra” são, efetivamente, assuntos atravessados pela fé (idem, p.8).

Desta forma, falar sobre religião, crença e sociedade na atualidade significa acionar os povos em suas tradições e costumes que se modificam ao longo do tempo – não só devido ao movimento das gerações que se sucedem, mas devido às ferramentas tecnológicas que trazem outras formas de se pensar e viver. Simon Yarrow enfatiza que mesmo o conceito de religião está sujeito a momentos específicos ao longo da linha do tempo. Diz ele:

Conceitos de religião são produtos e projetos de momentos históricos particulares. Nesse sentido, as distinções entre “religião”, “crença” e “sociedade”, como conceitos em constante desenvolvimento nas ciências sociais, como palavras com significados medievais normativos e – nessas duas instâncias de uso – como expressões cujos significados mudaram uns em relação aos outros, devem ser recapituladas desde o início. (YARROW, 2015, p.6)

Sob esse aspecto, a fé emerge como um elemento religioso que percorre gerações e que, por isso mesmo, é vivenciada de maneiras diversas, por diferentes pessoas em diferentes lugares. Há muito as ciências sociais, em especial, acompanham este processo. Alguns autores se dedicaram especialmente a estudos sobre o comportamento humano, considerando todos esses aspectos cronológicos, sociais e culturais. Outros se dedicaram à discussão dos limites entre ciência e religião, como o historiador Peter Harrison (2007), para quem ambos conceitos são produtos da modernidade. Segundo ele, a religião ganhou sentido para as sociedades no século XVII, ao passo que a ciência o fez no século XIX. No entanto, somente os estudos sobre a história do ser humano e das sociedades que ele constitui são capazes de permitir uma compreensão mais consistente das “dimensões de poder das atividades humanas, digam respeito elas à fé religiosa ou ao estudo do mundo natural”, e somente por meio desses estudos que “o

elemento humano, que é fundamental tanto para as atividades científicas quanto para as religiosas, pode se tornar mais visível” (HARRISON, 2007, p.26).

Ao abordar a religião cristã, Harrison trabalha uma concepção em que ela emerge como um “conjunto de verdades proposicionais que podem ser submetidas aos princípios da investigação racional” e que, por isso mesmo, foi transformada num arquétipo pelos iluministas, no auge do exercício da razão (HARRISON, 2007, p.18-19). Não por acaso o iluminismo, nessa perspectiva, teria trazido alguns aspectos marcantes para a história da fé cristã. A defesa da razão, por exemplo, marcou fortemente o cristianismo naquele período. Conta Harrison em sua pesquisa:

O argumento de uma combinação justa entre ciência moderna e a religião cristã perpetua o ideal iluminista de um Cristianismo racional como a religião mais apta a resistir aos ataques da razão e da filosofia natural. O apelo à razão, deve-se recordar, não foi primariamente para defender as crenças cristãs contra os ataques do ateísmo ou da filosofia natural, mas para estabelecer a verdade do Cristianismo, ou uma de suas formas confessionais, contra formas de religiosidade rivais (HARRISON, 2007, p.20)

Embora os limites entre ciência e religião – e, por isso, a discussão de racionalidade e fé – seja um tema frequente nas ciências sociais, são também numerosos os estudos sobre a importância do espaço territorial religioso que determina os lugares sagrados e seus ritos, envolvendo a coletividade. Os pesquisadores José Bernardi e Maria Augusta de Castilho afirmam que, nos países latino-americanos, por exemplo, a religiosidade decorre em larga medida dos processos doloridos da colonização. Os pesquisadores destacam que

(...) construiu-se uma religiosidade profunda em diferentes regiões como corolário(resultado) de uma cultura que se forma nos porões da colonização nos escondidos das repúblicas, mas que explode em rituais, devoções, romarias, danças, além de ter uma iconografia própria, como templos suntuosos e/ou modestos. Tais manifestações estão ligadas à vida, ao espaço local e ao território como elemento formador do todo do homem (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p. 746).

Nesse sentido, os autores também observam que o desenvolvimento territorial estará sempre, e ativamente, influenciado pelo desenvolvimento dos próprios indivíduos naquele espaço. A formação de todo ser humano, nessa perspectiva, está articulada ao processo de

construção do lugar que ele ocupa e por onde transita. Isso, segundo os estudiosos, envolve aspectos que dizem respeito não só ao ambiente natural (paisagem natural) desse lugar, mas também às influências recebidas no passado. Para Bernardi e Castilho, essas influências orientam o caráter individual e social do indivíduo: “Ele se constrói em um dado território e busca ser ele mesmo nesse espaço, passando a se conectar com outros indivíduos e com elementos que passam a fazer parte de seu cotidiano” (idem).

Sob esse aspecto, os pesquisadores também chamam a atenção para o fato de que o sujeito que busca ser ele mesmo no território que ocupa guia-se, sobretudo, pela memória: de si mesmo, dos espaços, do passado histórico, dos familiares, dos sonhos e das ideologias. Eles afirmam:

A memória é individual e coletiva levando a uma construção que se faz como uma mistura de identidade/etnicidade e forma enunciados ideológicos que têm sentido para aquele local, que é um rememorar, mas esse rememorar é seletivo pelo indivíduo e pelo grupo, que deixam de lado os valores que não são mais necessários, isto é, que foram ultrapassados (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p. 746).

Rememorar é, assim, um exercício há muito incorporado por todas as culturas. Na cultura brasileira, tão rica e diversificada, a memória atravessa todo o processo de miscigenação dos povos – e é um dos pontos marcantes desde os tempos da colonização. Percebe-se, a todo o momento, a força das recordações relacionadas não apenas aos costumes, mas à crença, à língua, à arte, às plantações e às comidas. A feijoada é um exemplo citados pelos estudiosos:

Pode-se destacar que a feijoada, que surgiu entre os escravos negros brasileiros, que juntavam os restos e sobras dos porcos abatidos na cozinha dos senhores de engenho, com o feijão, originou-se um prato tipicamente brasileiro, sendo hoje apreciado no círculo da mais alta sociedade. Além disso, ela ganhou sentidos diferentes dependendo da região em que é feita (BERNARDI, CASTILHO, p.748, 2016)

Nessa perspectiva, é certo que as relações entre as pessoas que vivenciam a construção dos espaços locais são orientadas por valores culturais que, no caso do Brasil, principalmente, estão diretamente articulados às trajetórias dos povos indígenas e os negros que aqui habitavam. Contudo, a chegada dos portugueses, ingleses, holandeses, franceses e italianos certamente resultou em uma junção de valores ainda mais alargada, responsável por uma formação cultural, territorial e religiosa bastante peculiar. Nesse contexto, o mundo da religião, especificamente,

exerce um papel fundamental uma vez que “permite [ao sujeito] perceber as manifestações em torno do sagrado” na sua individualidade e na sociedade em que vive. A religiosidade é, portanto, um importante elemento no processo de “construção dos valores das pessoas, das famílias e das comunidades” (BERNARDI; CASTILHO, 2016, p.749). Significa que “entender um espaço territorial é entender a cultura em que vive a sociedade de tal espaço e, junto com isso, está a religiosidade” (idem, p.750). Não é obra do acaso que pensadores como Nietzsche tenham definido a modernidade, por exemplo, como um acontecimento marcado pela “morte de Deus” exatamente em função da valorização do homem em sua racionalidade, ou seja, daquele sujeito que se guia pela razão, e não pelo divino.

Guiar-se pela racionalidade, como observa a filósofa Lia Guarino (2022) em suas reflexões sobre razão e fé na contemporaneidade, equivale, então, a confiar na capacidade do ser humano de conduzir a si próprio a partir de certos preceitos morais apreendidos – e que orientam não apenas o seu comportamento, mas também sua maior ou menor adesão a valores éticos e morais. Na modernidade, Deus é substituído pelo indivíduo, que passa a ser assimilado “como um ser transcendental (não transcendente) na medida em que ele tem acesso à experiência, ao que está no espaço e o tempo, porém é capaz de pensar de forma racional” (GUARINO, 2014, p.2). Nesse sentido, a busca pela razão e pelo conhecimento foram dois grandes eixos utilizados para colocar o sujeito como um ser capaz de ultrapassar Deus com suas descobertas. Um tempo depois, os ideais iluministas caíram por terra e este humanismo moderno entrou em declínio – até porque a promessa de salvação pela racionalidade se revelou uma falácia depois das guerras atravessadas pelo nazismo e pelo fascismo. Como afirma Guarino, a violência tomava conta do século que se anunciava, em especial no ocidente:

(...) eis que logo na primeira metade do século XX, duas grandes guerras mundiais explodiram no coração da Europa racionalista, científica e tecnológica. A violência extrema, o nazismo, o fascismo, o extermínio de povos, puseram em questão o projeto Iluminista de salvação da humanidade pela luz da Razão. A promessa de redenção pela racionalidade não se cumpriu e pior, acirrou, como nunca antes na história da Europa, o conflito social, o genocídio, a barbárie, a crueldade, a perversão. Desde então, o projeto do Iluminismo foi posto em questão. Não é à toa que depois da segunda metade do século XX, o homem europeu ficou atordoado, desorientado em sua vida política, social, moral e filosófica (GUARINO, 2014, p.3)

Havia, nesse cenário, certa instabilidade em relação aos sentimentos religiosos. Na verdade, este movimento que colocava o indivíduo como centro de suas doutrinas fez com que ele próprio se sentisse perdido em sua superioridade. Esse sujeito, porém, nunca deixou de procurar soluções capazes de promover algum tipo de satisfação para a sociedade e para si mesmo. Guarino lembra que

Lacan retomou a psicanálise de Freud para encontrar uma cura para o mal-estar inevitável que habita nossas mentes, nossa cultura tão complexa e problemática. Michel Foucault ocupou-se em estabelecer a genealogia do homem moderno no intuito de “martelar”, como Nietzsche, o humanismo que perpassa o discurso da psiquiatria, da medicina, do mundo jurídico, da pedagogia, da sociologia etc. Enfim, em meio a esta crise de fundamentos, foi preciso que o pensamento encontrasse saídas novas, criativas, que dessem conta da desorientação completa deste homem adoecido, angustiado, perplexo diante das mudanças ocorridas (GUARINO, 2014, p.4)

Na atualidade, vê-se um retorno evidente dos debates acerca da razão e da fé. No Brasil, por exemplo, existe hoje uma forte bancada evangélica – e neopentecostal – no Congresso Nacional, e que influencia os processos decisórios que levam à aprovação ou exclusão de políticas públicas caras ao cidadão comum. Guarino chama a atenção para a existência de uma “força religiosa por toda parte, com poder econômico e político na televisão, nas emissoras de rádio, na multiplicação de templos espalhados pela cidade, nas livrarias e editoras, nos discursos de todas as camadas sociais e econômicas, nos aparelhos do estado que se diz laico etc” (GUARINO, 2014, p 4-5). É sob esse aspecto que a pesquisadora argumenta que assimilar a força da fé dos indivíduos demanda a compreensão da força das apostas cegas, ou seja, das adesões puras, calcadas em uma entrega que suplanta qualquer racionalidade. Ressalta, ainda, que, nessas reflexões, importa o esforço para se compreender esse fenômeno da fé nos dias atuais, e não a mera postura de defesa da fé em detrimento da razão. Diz ela:

O discurso racionalista, iluminista, que despreza a fé, não tenta compreender seus mecanismos, seu funcionamento, sua importância psíquica, simplesmente não a reconhece, despreza e poderíamos até mesmo dizer, utilizando a linguagem freudiana, que o discurso racionalista recalca a religiosidade. Aqui queremos apenas compreender este fenômeno tão presente em nossos dias como no passado (GUARINO, 2014, p 5-6)

Para Guarino, a essa questão soma-se a constatação de que o fato de que cada religião traga consigo sua própria identidade, seus conceitos e seus preceitos, não deveria ser um

problema. Entretanto, devido a formações diversas, elas entram em batalha como se detivessem a verdade absoluta:

Islamismo, Judaísmo e Cristianismo (catolicismo e protestantismo aí entendidos) são configurações diferentes do além. Por isso, divergem, fazem guerra, não se entendem, disputam fiéis pelo mundo afora. Todas as religiões monoteístas acabam sendo excludentes, intolerantes e particulares. Cada uma delas supõe que traz a verdade absoluta. O problema é que todas pensam de forma exclusivista e aí não conseguem conviver com a diversidade (GUARINO, 2014, p.7)

É nesse sentido que Guarino conclui que, a despeito da crítica iluminista, da ciência moderna (e até do anúncio da morte de Deus por Nietzsche), é possível testemunha, já no século XXI, o retorno impressionante de seitas e credências de toda ordem, “das diversas manifestações que aspiram uma transcendência e personalizam este lugar” (GUARINO, 2014, p.8)

Já o sacerdote, filósofo e professor norte-americano Leo J. Trese (1902-1970), na obra *A fé explicada*, de 1959, diz que a ideia central da crença naquilo que transcende está no pensamento que se posiciona na ideia do “ponto de partida”:

Os bebês vêm de seus pais e as flores vêm das sementes, mas tem que haver um ponto de partida. Há de haver alguém não feito por outro, há de haver alguém que tenha existido sempre, alguém que não teve começo. Há de haver alguém com poder e inteligência sem limites, cuja própria natureza seja existir. Esse alguém existe e esse Alguém é exatamente Aquele a quem chamamos Deus. Deus é aquele que existe por natureza própria. A única descrição exata que podemos dar de Deus é dizer que é “Aquele que é (TRESE, 1990, p.26).

Nesse sentido, pensar em Deus a partir de uma concepção relacionada a uma “forma de existir” ou de “estar no mundo” guarda relação com o pensamento de que a existência de um Deus estaria “no fato de que nada [o] sucede, a não ser que alguma coisa o cause” (TRESE, 1990, p.25). Nessa perspectiva, Deus estaria em movimento ascendente. Na concepção do filósofo, a concepção monoteísta (e um só Deus) está vinculada à ideia centrada em uma substância física e outra espiritual:

Há um só Deus, que é Espírito. Para entendê-lo, precisamos saber que os filósofos distinguem duas espécies de substâncias: as espirituais e as físicas. Substância física é a que é feita de partes. O ar que respiramos, por exemplo, é composto de nitrogênio e oxigênio. Pelo contrário, uma substância espiritual não tem partes. Não tem nada que possa quebrar-se, corromper-se, separar-se ou dividir-se. Isto se expressa em filosofia dizendo que uma substância espiritual é uma substância *simples* (TRESE, 1990, p.26-27)

Trata-se de uma perspectiva cristã de Deus, que emerge como um “espírito de generosidade, de conhecimento e poder”, como “um único grande pensamento” de uma mente divina, dotada dos “tempos e [de] toda a criação, assim como o ventre materno contém toda a criança” (TRESE, 1990, p.29). Reafirma, assim, uma doutrina fundada nas ideias de onipotência, onipresença e misericórdia daquilo que apenas é – e é divino. Nesse sentido, segundo Trese, esse ser, em sua transcendência, espalha-se por todas as partes, e o tempo todo, e com um sentimento ilimitado de compaixão. É essa a perspectiva cristã que orienta as histórias relatadas pelos entrevistados do *Prosa sobre a fé*, objeto deste memorial.

4. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA

A escolha pelo tema surgiu devido ao meu interesse por um tema voltado para religião e para a fé que professo. O título do livro de entrevistas, *Prosa sobre a fé*, é resultado do meu desejo de ouvir e de trabalhar uma escuta sensível no campo de jornalismo, de modo a acessar e contar histórias de superação em momentos considerados desafiadores para as pessoas abordadas. São, todas elas, histórias marcadas pela presença da fé. A intenção é, também, aplicar e experimentar as potencialidades da entrevista pingue-pongue, pensando a relação entre entrevistador e fonte, as formas de se comunicar e de estabelecer a confiança mútua.

Desde o início, um turbilhão de ideias me foram surgindo, e foi com essas ideias que passei a buscar e a conversar com os entrevistados. Foi necessário um primeiro contato telefônico com cada pessoa para explicar a elas o que era o tema e se elas desejavam participar. Num primeiro momento, as primeiras conversas foram realizadas pelo telefone, via *whatsapp*, e, em seguida, as questões foram enviadas por e-mail a cada entrevistado. Também houve a realização de uma das entrevistas pela plataforma *Google Meet*. Todas as experiências permitiram essa escuta sensível do outro, que realmente desejava expor a sua história de vida e de fé.

Algum tempo depois, as entrevistas passaram a ser realizadas via e-mail por causa do período pandêmico e da distância de alguns entrevistados, localizados ou fora da cidade ou fora do estado ou do país. A técnica consistiu em fazer uma primeira rodada de perguntas e respostas. Na sequência, nova rodada, com novas perguntas, desta vez decorrentes ou de uma dúvida, ou de uma curiosidade ou simplesmente de uma nova ideia, sempre estimuladas pelas respostas dadas.

Uma segunda edição era feita e, novamente, o material voltava para os entrevistados, de forma que as pessoas pudessem checar cronologias, datas, dados, expressões e linguagem. A partir das informações e esclarecimentos por parte das fontes, nova edição era trabalhada.

O vínculo com cada fonte também foi muito importante nesse processo, principalmente para checar dados e buscar um ou outro esclarecimento. Algumas perguntas internas eram inevitáveis e eu sempre me fazia: quem são essas pessoas? Como retratar essas histórias de vida e fé? Como dar sentido para esses relatos? A partir daí, surgiu a necessidade de construir esses rostos por meio de ilustrações.

O objetivo deste livro foi trabalhar algumas entrevistas de maneira a experimentar e colocar em prática os preceitos do jornalismo, com destaque para as técnicas de entrevista e da arte da escuta. As etapas de produção refletem as etapas próprias do jornalismo: a elaboração da pauta, a apuração, a coleta de dados, a entrevista, a redação e a edição. Todo esse trabalho exigiu a releitura de textos novos e antigos sobre o ofício do jornalismo. Houve, assim, leituras prévias a partir da revisão bibliográfica, do acesso a certos documentos, a artigos acadêmicos e outros trabalhos no campo da comunicação. Além disso, precisei fazer uma escuta atenta e sensível desde o começo, com cada fonte, o que gerou em mim paciência, curiosidade e persistência, pois desejava me aproximar ainda mais daquelas pessoas e de suas histórias.

A proposta de trabalho também é interessante em relação à diversidade dos entrevistados, que, como já foi dito aqui, estão situados em diferentes estados do Brasil e também no exterior. Todas as fontes trazem uma vivência de fé em lugares distintos, o que permite o resgate de recordações especiais, de memórias afetivas. A conversação com essas pessoas reflete, ainda, certa aproximação possibilitada pela prática jornalística, já que as entrevistas exigem o estabelecimento dessa confiança mútua aqui mencionada. Trata-se de um elemento importante para que homens e mulheres revivam – e relatem à pessoa que escuta – determinados acontecimentos.

A execução de cada entrevista é orientada pelos estudos que tratam do gênero pingue-pongue. Nesse modelo, contar uma história não implica escrevê-la no formato de notícia, mas dar sentido à uma narrativa a partir de uma fala literal que é estruturada a partir de perguntas pensadas para nortear o diálogo. Como observa Oliveira (2002), não se trata de escrever sobre um fato, mas de sentir a história vivida por uma pessoa. É ajudá-la a resgatar memórias e traçar rotas das realidades vivenciadas em momentos específicos de seu percurso.

5. HOMENS E MULHERES DE FÉ

As histórias pensadas para a construção deste livro surgiram a partir do tema proposto, o que me levou a ter um olhar ainda mais sensível diante dos sentimentos e emoções expostas em cada história contada. Deste modo, explico aqui como se deu esse processo das entrevistas ao longo desses últimos sete meses. Confesso que foi um desafio, pois cada pessoa tinha seus afazeres e, mesmo diante da proposta de entrevista via e-mail, com datas marcadas para o retorno, houve atrasos. Algumas vezes, decidi enviar mensagem também pelo *whatsapp* e acabava descobrindo, desta forma, que alguns deles estavam passando por momentos delicados. Então precisei esperar. No entanto, foi muito edificante e fiquei comovida com cada uma das histórias contadas – o que gerou frutos de confiança de ambas as partes ao longo dos diálogos.

A primeira entrevistada, Daniele Aparecyda Vali Carvalho eu já conhecia um pouco. Costumava me encontrar com ela nos caminhos da UFOP e nos corredores da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em Ouro Preto. Em uma manhã, 6 de abril de 2022, nós nos encontramos durante a missa. Ela estava tocando e cantando na cerimônia. Ao final da celebração, fui falar com ela sobre o meu projeto de TCC e a convidei para participar. Eu sabia que Daniele é uma pessoa muito religiosa e generosa e, então, achei que ela poderia ter uma bonita história de fé. Nossa conversa foi agradável, mas tínhamos pouco tempo e então trocamos contatos para que depois, em outra oportunidade, eu pudesse explicar melhor o meu trabalho de conclusão de curso. Ela demonstrou interesse desde o início, o que, mais tarde, contribuiu para a concretização da entrevista.

A conversa com a Daniele não foi presencial como havíamos pensado, pois ela se encontrava no final do período da faculdade e ainda tinha pouco tempo disponível. Com passagem já comprada para passar férias em Espera Feliz na casa dos pais, combinamos de nos falar por e-mail. No dia 17 de abril, enviei a pauta com as perguntas e, na semana seguinte, conversamos mais um pouco por telefone. Já no dia 19 de maio, pude ter o primeiro contato com sua história de fé. Claro que houve dúvidas – o que exigiu nova troca de informações. Assim, finalizamos a entrevista no dia 4 de junho.

A segunda entrevistada, Viviane de Souza Costa, é uma pessoa que eu já conhecia. Tínhamos vínculos de amizade e de caminhada de fé. Tive mais de uma conversa com ela para explicar a proposta do TCC. Em 26 de julho nós nos falamos pelo *whatsapp*, pois ela havia se

casado há poucos dias e já estava morando no município de Ubá, no centro da Zona da Mata mineira. Tivemos uma boa conversa. Ela achava o tema da fé interessante e disse que seria um prazer falar de sua história. No dia 5 de agosto, enviei as primeiras perguntas, conforme tínhamos combinado. No dia 28 de agosto, ela enviou seus relatos.

O terceiro entrevistado, padre Magno José Murta, da Paróquia de Cristo Rei, em Ouro Preto (MG), que costumo frequentar, também é uma pessoa conhecida, também faz parte do meu círculo de amizades e aceitou participar. Por causa das inúmeras atividades paroquiais, arquidiocesanas e pessoais, ele tinha pouco tempo e, por isso, também tivemos várias conversas – via *whatsapp* e pessoalmente – para definir um dia para a realização da entrevista, que seria presencial. Contudo, houve um contratempo e não conseguimos prosseguir com a entrevista. Meu amigo estava passando por um momento delicado, por causa de um adoecimento. Algum tempo depois, ele precisou se afastar de suas atividades para cuidar da saúde. Mantive contato para saber como ele estava, e procurei enviar também mensagens de motivação. Mais tarde, fui visitá-lo – com todo cuidado, pois ainda era tempo de pandemia. Proseamos bastante e até nos esquecemos da hora. Foi desafiante e, ao mesmo tempo gratificante, porque mesmo diante de um problema vi a determinação no olhar daquele homem. No dia 2 de maio, voltamos a falar sobre a entrevista. Começamos a conversa via e-mail, e só a finalizamos em 10 de setembro.

O quarto entrevistado, André Sabino, eu não conhecia. Ele é natural de Lavras Novas, distrito de Ouro Preto, e está estudando Teologia em Roma. Atualmente mora lá e está como diácono transitório, ou seja, está em formação até que chegue o dia da sua ordenação sacerdotal. André estava usufruindo de suas férias em Ouro Preto e auxiliou o padre Magno durante uma das missas na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Bauxita. No dia seguinte me aproximei dele e fui logo perguntando como ele havia descoberto sua vocação para o sacerdócio e por que ele foi estudar em Roma, entre outras coisas. A conversa foi muito boa e não perdi tempo: falei sobre o meu trabalho de conclusão de curso e ele achou interessante. Pedi a ele, então, uma ajuda para encontrar uma fonte. Trocamos contatos e criamos um vínculo a partir daquele momento e, bem mais tarde, ele aceitou participar do TCC. Fiquei feliz porque já tinha pensado em entrevistar alguém que fosse de algum distrito de Ouro Preto. Entre os dias 13 de abril até 15 de setembro, conversamos sobre a entrevista, esclarecemos algumas dúvidas e, assim, pude contribuir para que a história de fé do André fosse contada. Como já relatei, nossa prosa começou pessoalmente, depois via *whatsapp* e finalizando por e-mail, quando ele já havia retornado a Roma. Foi mais uma história que me sensibilizou – uma história de alguém tão perto de mim, mas que só pude escutar tanto tempo depois. Me coloquei no lugar dele e pude perceber

sua história de vida ir de encontro a de outras pessoas e também com a minha.

A quinta história foi muito interessante. Em meados de maio, Inocêncio Francisco Coeine foi quem me ligou via *whatsapp*. Eu não o conhecia. Ele contou que o André Sabino havia comentado sobre meu trabalho de conclusão de curso, disse que achou interessante e que desejava participar. Recordo-me que ele fez algumas perguntas sobre o projeto, sobre o tema e sobre como eu estava planejando o trabalho. Respondi todas as questões e ele demonstrou interesse durante todo o tempo. Ao final, ele me parabenizou pela escolha e pelo planejamento. Foi quando me contou que havia passado por um processo de mudança que envolvia o seu deslocamento do universo da Religião Tradicional Africana (RTA) para o Cristianismo. Confesso que meu coração se encheu de alegria e satisfação por poder relatar a história de fé de um moçambicano.

Inocêncio se encontra em Roma, participa da congregação Pequena Obra da Divina Providência (Padres Orionitas), é diácono transitório e está cursando Teologia. Deste modo, a primeira conversa se deu entre os dias 5 de julho e 28 de agosto, por e-mail. Durante esses dois meses, tive muitas dúvidas em relação ao relato dele. Conversamos por várias vezes ao telefone, mas, ainda assim, senti que faltava algo. No dia 13 de setembro, então, tivemos mais um diálogo, desta vez pela plataforma do Google *Meet*. Nessa ocasião, pude sanar todas as questões que haviam surgido.

Com a última entrevistada, Adriana Pereira, jornalista da TV Canção Nova, em Cachoeira Paulista, São Paulo, o primeiro contato se deu em dezembro de 2021, por telefone. Depois, em abril de 2022, voltamos a conversar e eu perguntei se ela tinha interesse em participar do meu trabalho como uma das fontes. Eu não conhecia a Adriana, mas ao conversar com ela achei que certamente teria uma história de fé para me contar. Ela aceitou. Parecia que já nos conhecíamos. Durante sete meses, pude conviver com ela, e a distância não impediu nossa amizade. Criamos um vínculo forte e, nesse tempo, pude ouvi-la na condição de profissional, mas também na condição de amiga, de mãe, de esposa e, principalmente, de filha. Por algum tempo, tivemos que interromper esse processo de entrevistas porque o pai dela veio a óbito. Além disso, ocorreram também, naquele período, várias mudanças em seu ambiente de trabalho. Depois desses eventos, achei que ela não me concederia outras entrevistas, mas mantive contato. Eu me preocupava com o estado em que ela se encontrava. Senti que nossa amizade crescia ainda mais quando, certo dia, recebi sua mensagem com pedido de oração, alguns dias depois perguntei se ainda tinha interesse em participar do meu trabalho e no dia 13 de outubro finalizamos a entrevista.

Quando já estavam na versão final, ou próximas disso, todas as entrevistas foram reenviadas às fontes. Pedi que cada entrevistado e entrevistada verificassem as mudanças feitas devido às novas edições. Isso porque o material era reeditado todas as vezes que foi preciso complementar uma ideia com algum dado que faltava (ou devido a alguma nova pergunta que acabava surgindo a partir da narrativa do personagem). Também fiz questão de checar se aquilo que havia sido modificado não alterava o sentido do que a fonte estava querendo dizer. Nesse processo, até algumas das perguntas tiveram que passar por uma reedição – mas somente para a correção de eventuais erros de sintaxe e/ou de semântica, que comprometiam a fluidez do diálogo traduzido em texto. E também para assegurar certa homogeneidade em relação à escrita jornalística no formato da entrevista pingue-pongue, de modo a garantir a clareza que esse tipo de abordagem demanda. E, ainda, foi preciso certificar com cada pessoa entrevistada se ela estava de acordo com as mudanças que se fizeram necessárias depois das edições das perguntas e respostas.

Para finalizar este livro, decidi descrever um pequeno relato a respeito de Eva da Paz Xavier Moutinho, minha mãe. Os diálogos que pude ter com ela na última fase de sua vida, dois anos antes da sua morte – e que anotei em uma agenda, registrando as histórias que ela me contava – foram transformados em uma longa entrevista – a única fora do formato pingue-pongue. Eva foi uma mulher que, ao longo dos seus 64 anos, passou por vários momentos desafiantes em sua vida, mas não perdeu as esperanças. Buscou reconstituir suas forças em Deus, lutou incansavelmente para ser a melhor irmã, a melhor filha, a melhor amiga, a melhor mãe, a melhor esposa. Claro que ela passou por momentos de quedas. No entanto, prosseguiu firme até o fim de sua existência terrena.

Com essas entrevistas, a ideia foi explorar, a partir dessas histórias de fé, a percepção da afetividade, da espiritualidade, dos caminhos traçados e das lembranças que ficam. Nesse sentido, carrego em meu coração cada pessoa que se encontra neste livro, que despertou em mim memórias da minha própria história de vida, e que, além disso, trouxe sustento para minha alma. Todos esses relatos deixaram marcas na minha vida pessoal, e todos os momentos de prosas edificaram minha vida profissional.

6. PROJETO GRÁFICO

Ao pensar na criação deste livro, uma inquietação veio me acompanhar, pois desejava

criar algo que pudesse romper os muros da universidade e alcançar as pessoas em diferentes lugares. Outra preocupação foi com os entrevistados, pois a maioria não habitava a mesma cidade que eu – e havia até quem estivesse fora do país. Como dar acesso a esse material de forma ampla? Nesse sentido, o livro foi produzido no formato digital (mas também se realizará, mais tarde, em formato impresso), nas cores parda e creme, contendo 68 páginas.

Os títulos foram definidos a partir das próprias histórias de fé relatadas. Todas as pessoas entrevistadas tinham uma “pegada mais forte” em algum momento da vida. Por isso decidi utilizar certas frases, retiradas da própria fala dos personagens. Isso trouxe mais representatividade para cada fonte, para cada relato. A ordem sequencial das histórias segue a mesma ordem da realização e finalização de cada entrevista.

Para a capa, a ilustração foi pensada a partir de uma fotografia que retratava um momento em que eu e duas amigas conversávamos justamente sobre a fé. Enviei a foto para um teste de ilustração. Foi surpreendente, e superou minhas expectativas. Assim, inseri outra ilustração entre a página do sumário e a epígrafe. A ideia das ilustrações surgiu antes do recebimento das fotos dos entrevistados. Elas foram feitas com lápis preto, em folha de ofício branca, e todas foram produzidas pela minha irmã, Rosana Aparecida Moutinho dos Santos, com a participação do seu filho, Diogo Ezequiel dos Santos. Já a diagramação foi feita pela minha colega do curso de Jornalismo, Líria Barbosa Barros.

Na versão impressa, o livro foi pensando no formato A5 (que é metade de uma folha A4), capa no papel *kraft* gramatura 180 (um papel pardo, um pouco mais grosso, para dar um efeito mais rústico). Já as folhas do miolo do livro ficam em papel pólen ou vergê (gramatura 90).

As fontes utilizadas foram as seguintes: para a capa, optamos pela fonte *Lucida Calligraphy*, tamanho 40 pt e 22 no título. Para o corpo do texto, *Goud old style*, tamanho 12, e, para a assinatura, *Goudy old style*, tamanho: 13 pt. Para o título a folha de rosto, fonte *Goudy old style*, tamanho: 36 pt e 18 pt. Para os elementos pré-textuais (ficha catalográfica, agradecimentos e epígrafe), fonte *Goudy old style*, tamanhos: 10, 12, 18 e 27 pt, respectivamente.

As demais fontes foram:

- Textos principais (entrevistas): *Goudy old style*, tamanho: 27 pt;
- Corpo do texto: *Goudy old style*, tamanho: 12 pt;
- Cabeçalho e rodapé: *Goudy old style*, tamanho: 11 pt;
- Numeração das páginas: *Goudy old style*, tamanho: 11 pt.,

Todas as fontes e tamanhos foram pensados com o objetivo de garantir uma boa estética

para o livro e, ao mesmo tempo, para facilitar a leitura.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse tempo de produção deste livro, as incertezas e as preocupações rondavam meus pensamentos. Mas descobri o significativo da confiança. Apesar de não conhecer a maioria dos entrevistados, eu me surpreendi com o interesse e a disposição que cada um expressava durante as nossas conversas. A partir daí, compreendi a importância de escrever a história de cada pessoa que narrava alguns dos momentos mais difíceis de sua vida. A obra *Prosa sobre a fé* tocou profundamente a minha vida, pois, quando comecei a escrever o livro, estava vivenciando um momento de total aridez no campo da fé. Vi-me diante das dores, das lágrimas, das dificuldades, da vivência do luto, da superação e da confiança em Deus que cada um desses personagens foi me revelando ao longo dos nossos diálogos.

Foi um tempo bonito, cheio de expectativas e, claro, com inúmeros desafios. Esse papel seria pouco para descrevê-los, então citarei dois momentos. O primeiro foi ao me deparar com a dor do outro quando, em uma manhã, recebi uma mensagem pelo *whatsapp* de uma das fontes. Ela me dizia que seu pai havia falecido e eu me vi outra vez diante do luto. Tivemos que parar com o processo da entrevista e, naqueles dias, recordo-me que chorei. O segundo desafio foi compreender a linguagem do outro em sua própria cultura, seu próprio modo de dizer. Os entrevistados e entrevistadas vivenciaram suas experiências em lugares diversos, cada um com suas singularidades.

A partir do desenvolvimento deste trabalho, compreendi os conceitos que atravessam a prática jornalística. Passei a ver essa atividade com outros olhos, pois tive que colocar em ação o que havia aprendido durante o curso. Além disso, percebi que o papel do jornalista não é somente se aproximar da verdade, apurar os fatos, preservar a fala, interagir com a fonte – e adquirir e passar confiança. É também agir com ética e sensibilidade para escutar. Este foi um dos pontos mais significativos no processo de elaboração desta obra.

Este trabalho representa, assim, a confiança que adquiri como profissional, mas também a noção que tenho hoje da responsabilidade necessária para dar voz ao outro – e de como é importante mostrar a esse outro o seu valor humano. Representa, ainda, o caráter fundamental da

relação com pessoas diversificadas, da abertura para outras culturas, costumes, dialetos e modos de pensar e de viver.

8. REFERÊNCIAS

- BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Revista Interações** (Campo Grande), v.4, n.17, out-dez, 2016. Disponível em: [SciELO - Brasil - A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano](#) . Acesso em 16 jun 2022.
- BOFF, Leonardo. Entre o caos e a ordem – entrevista a Rodrigo Bertolotto. ECOA/UOL, 4 out. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/leonardo-boff-ser-humano-moderno-cultivou-especie-de-complexo-de-deus/#cover>. Acesso: 2 jun 2022
- CENTOFANTI, Sergio. O 2019 do Papa Francisco: a certeza da fé e a luta contra as idolatrias. **Vatican News**. 28 dez 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-12/2019-do-papa-francisco-certeza-da-fe-luta-contras-idolatrias.html> . Acesso: 3 jun 2022
- CUNHA, Luiz Cláudio. A entrevista: 1 fundamento, 2 perguntas, 3 condições. In: MAROCCO, Beatriz (org). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012. (Disponível em Minha UFOP – Biblioteca Digital – Minha Biblioteca)
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática. Cap.3.
- FRACCALVIERI, Bianca. Papa: A fé não é "coisa de velho", merece respeito e honra. **Vatican News**. 4 mai 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-audiencia-geral-velhice-fe-respeito-honra.html> . Acesso: 3 jun 2022
- GUARINO, Lia. Razão e fé na contemporaneidade. **Movimento Revista de Educação**, n.1, vol.1, 2014. p.1-15. Disponível em: [\(pdf\) razão e fé na contemporaneidade \(researchgate.net\)](#) . Acesso em 16 jun 2022.
- HARRISON, Peter. "Ciência" e "Religião": construindo os limites. **Revista de Estudos da Religião**. Traduzido de Peter Harrison, "Science" and "Religion": Constructing the Boundaries. *Journal of Religion*, 86 (2006), 81-106. Março 2007, p.1-33. Disponível em: [p_harrison.pdf \(pucsp.br\)](#) . Acesso em 16 jun. 2022

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf> . Acesso em 29 mai 2022.

FREITAS, Manoel da Costa. Razão e fé no pensamento de Santo Agostinho. **Didaskalia** – Revista da Faculdade de Filosofia de Lisboa. v. 29 n. 1-2 (1999): In Honorem D. José Policarpo: Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1428> . Acesso: 3 jun 2022

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre- RS, v. 17, n.1, p. 299-313, jan/jun, 2011.
Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15047> . Acesso em 18 out.2022

OLIVEIRA, A. T. P. de. (2002). O gênero entrevista na imprensa escrita e sua relação com as modalidades da língua. **Idade mídia**, São Paulo, v.1, p. 111-116, 2002.

PAPA FRANCISCO. Audiência Geral, Praça São Pedro, quarta-feria, 4 de maio de 2022.
Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220504-udienza-generale.html> . Acesso em 25 mai. 2022

SILVA, Nívea Rohling da. O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação e valoração do discurso do outro. **Revista Linguagem e Ensino/UFP**, v.12. n.2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15721> . Acesso: 2 jun 2022

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo e a arte do saber (ser) sensível**. *MATRIZES*, 2(2), 276-281. abril - 2009.
Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38235>. Acesso em 16 jun 2022

TRESE, Leo J. **A fé explicada**. São Paulo: Editora Quadrante, 1990.

YARROW, Simon. Religião, crença e sociedade: perspectivas antropológicas. **Revista ALCEU**, v. 16, n.31, jul./dez. 2015, p.5 a 26. Disponível em: [alceu 31 pp 5-26.pdf \(puc-rio.br\)](#) . Acesso em 16 jun. 2022